

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANO SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

Atuação dos estudantes secundaristas e as influências políticas culturais

Escola Estadual Caetano de Campos

Letícia Prudência Copiano
Abril de 2017

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Eventos sob orientação do Prof. Dr. Dennis Oliveira

Letícia Prudência Copiano

**ATUAÇÃO DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS E AS INFLUÊNCIAS
POLÍTICAS CULTURAIS: ESCOLA ESTADUAL CAETANO DE CAMPOS**

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, produzido sob a orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação.

**São Paulo
2017**

*“Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada”*

(Gonzaguinha)

ATUAÇÃO DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS E AS INFLUÊNCIAS POLÍTICAS CULTURAIS¹

Letícia Prudência Copiano²

RESUMO

O movimento de ocupação nas escolas do Estado de São Paulo pelos estudantes secundaristas no ano de 2015 promoveu a abertura de um novo campo de possibilidades na experiência política brasileira. A partir da reivindicação de pautas sobre a política institucional da educação formal, inicia-se a ocupação dos espaços físicos – as escolas. Sendo essas consideradas um novo espaço de autonomia e liberdade, criam-se também novas formas de relações políticas do cotidiano e de democracia direta. O presente artigo busca analisar a atuação dos estudantes secundaristas na Escola Estadual Caetano de Campos e sua influência na ressignificação do espaço institucionalizado, na pedagogia de ensino e aprendizado, como forma de luta e organização de um movimento social e cultural brasileiro.

Palavras-chave: Secundaristas, Ocupação, Escolas, Cultura, Políticas.

ABSTRACT

The movement of school's occupation in the State of São Paulo by the secondary students in the year 2015 promoted the opening of a new field of possibilities in the Brazilian political experience. From the claim of guidelines on the institutional policy of formal education, begins the occupation of physical spaces – the schools. As the schools are a new space of autonomy and freedom, the movement also created new forms of daily political relations and direct democracy. This article seeks to analyze the performance of secondary students in the Caetano de Campos State School and its influence in the re - signification of the institutionalized space, in the pedagogy of teaching and learning, as a struggle and organization of a Brazilian social and cultural movement.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Eventos sob orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira.

² Graduada em Relações Públicas pela Faculdade Cásper Líbero, em 2014. Atua profissionalmente na área de Marketing e Eventos. E-mail para contato: leticia.pcopiano@gmail.com.

Keywords: Secondaries, Occupation, Schools, Culture, Politics.

RESUMEN

El movimiento de ocupación en las escuelas del estado de Sao Paulo por los estudiantes de la escuela secundaria en 2015 promovió la apertura de un nuevo campo de posibilidades en la experiencia política brasileña. A partir de los patrones de demanda en la política institucional de la educación formal comienza la ocupación de los espacios físicos, escuelas. Estos están considerando un nuevo espacio de la autonomía y la libertad, sino que también crean nuevas formas de relaciones políticas de la vida cotidiana y la democracia directa. El artículo tiene como objetivo analizar el rendimiento de los estudiantes de la escuela en la Escuela Estatal Caetano de Campos y su influencia en la reformulación del espacio institucionalizado, en la enseñanza y el aprendizaje de la pedagogía como una forma de lucha y la organización de un movimiento social y cultural de Brasil.

Palabras clave: Escuela Secundaria, Oficio, Escuelas, Cultura, Política

Sumário

1. Introdução.....	6
2. Movimentos sociais e mudanças sociais	7
3. Redes como resistência	8
4. Cultura: antropológica e sociológica.....	10
5. Capital cultural e simbólico.....	11
6. Análise de dados.....	12
Referências bibliográficas	19
Bibliografia consultada.....	21
ANEXO I - Entrevista com a cartunista Laerte Coutinho	23
ANEXO II – Entrevista com o cantor Chico César.....	25
ANEXO III – Entrevista com Gut Simon.....	27
ANEXO IV – Entrevista com Caique Marques.....	32

1. Introdução

Em 2015, em resistência à proposta de reorganização do ensino público paulista feita pelo governador do Estado de São Paulo Geraldo Alckmin, que consistia em separar as unidades escolares de modo que cada uma passasse a oferecer apenas um dos ciclos da educação (ensino fundamental I, ensino fundamental II ou ensino médio) e previa o fechamento de quase 100 escolas, surge um grupo de militantes chamados de secundarista – estudantes de segundo grau: ensino fundamental, médio, técnico e pré-vestibular.

As ações de resistência terminaram com mais de 200 escolas públicas ocupadas, resistindo diariamente às intimidações e abusos da Polícia Militar (PM), diversos protestos nas ruas, além da queda de Herman Voorwald, então Secretário da Educação, e a suspensão do plano de reorganização pelo Governo de São Paulo. Com base nesse cenário, o artigo pretende analisar a ocupação dos secundaristas na Escola Estadual Caetano de Campos em São Paulo, por ter sido uma das primeiras escolas ocupadas e a que mais promoveu shows, debates, oficinas para os próprios alunos e apoiadores do movimento.

Com foco na realização de atividades socioculturais como rodas de debate, oficinas, shows, saraus aos trabalhos de cozinha, faxina, jardinagem, carpintaria, serão apresentadas algumas entrevistas tanto dos secundaristas, como dos artistas envolvidos. Isso porque objetiva-se registrar a movimentação dentro das ocupações, os diálogos, as articulações a politização dos estudantes, o desenvolvimento cultural e seus reflexos posteriores.

Em referência à atuação dos artistas, transcreve-se o trecho da música *Trono do Estudar*, que revela o apoio dados às ocupações das escolas e que fortalece o movimento ao atingir a opinião pública. Composta por Dani Black, a gravação da música contou com a participação de artistas de peso como Chico Buarque, Arnaldo Antunes, Lucas Silveiro, Lucas Santtana, Tiê, Fernando Anitelli, Miranda Kassin, Tetê Espíndola, Helio Flanders, Tiago Iorc, Pedro Luis, Zélia Duncan, Dado Villa-Lobos e outros:

A vida deu os muitos anos de estrutura do humano
 À procura do que Deus não respondeu
 Deu a história, a ciência, a arquitetura
 Deu a arte e deu a cura e a cultura pra quem leu

Depois de tudo até chegar neste momento
 Me negar conhecimento é me negar o que é meu
 Não venha agora fazer furo em meu futuro,
 Me trancar num quarto escuro e fingir que me esqueceu
 Vocês vão ter que acostumar porque...
 Ninguém tira o trono do estudar
 Ninguém é o dono do que a vida dá (DANI BLACK, 2015).

2. Movimentos sociais e mudanças sociais

Diante da superlotação das salas e falta de infraestrutura nas escolas, entre outros tantos fatores, a “reorganização” proposta pelo Governador do Estado de São Paulo surtiu efeitos negativos entre os estudantes. Inicia-se um movimento de organização, inicialmente com protestos até a ocupação efetiva das escolas. Essa é uma das características do movimento social, segundo Castells (2013), a tomada das coisas em suas próprias mãos, envolver-se na ação coletiva fora dos canais institucionais prescritos para defender suas demandas e buscar mudanças.

Ao longo da história, os movimentos sociais têm sido as alavancas da mudança social. Conforme Castells (2013), os movimentos sociais geralmente se originam de uma crise diante das condições de vida insustentáveis. Nesse sentido, é possível observar a insatisfação na fala de uma das estudantes secundaristas ao saber do novo plano de reorganização do ensino público na cidade de São Paulo em 2015, como no depoimento abaixo concedido e transcrito no livro *Baderna: escola de luta* (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016):

Porque eles que vão escolher a escola que a gente vai estudar, entendeu? Onde tiver vaga [...] e as escolas pra onde eles vão mandar a gente vai ser praticamente uns sessenta e setenta alunos dentro de uma sala...que nem, disseram que se a gente saísse daqui tem uma proposta de a gente estudar na EE Miguel Maluhy, o Maluhy é muito menor do que aqui, imagine o tanto de aluno que tem aqui junto com o que tem lá, não vai ter estrutura, o ensino vai ser péssimo, vai ser confusão, muitos alunos por isso vão parar de estudar [...].

Historicamente, o termo “movimentos sociais” foi usado de diferentes maneiras no século XIX, para se referir às muitas sublevações sociais e políticas, de acordo com Downing (2002), diante dos diferentes sentidos são criadas três classificações para utilização do termo:

1º. Refere-se à rebelião das massas, à multidão em tumulto, agindo de maneira cega e insensata, levada apenas por emoções impetuosas e descontroladas;

2º O modelo dos movimentos sociais como atores racionais: Os membros do público em geral precisam criar recursos alternativos para exercer influência sobre o processo político e de alocação. Esses recursos alternativos consistem em ações coletivas como greves, ocupações, passeatas, operações tartaruga, bloqueios de tráfego;

3º Novos Movimentos Sociais (NMSs): Movimentos sociais ecológicos, feministas ou pacifistas. Alguns estudiosos sustentam que esses movimentos representam um novo estágio qualitativo na cultura política contemporânea, com características profundamente diferentes daquelas dos primeiros movimentos sociais (DOWNING, 2002).

No caso das ocupações das escolas, o movimento classifica-se como a categoria dos novos atores racionais, pois foram ações taticamente refletidas e levadas a cabo pelos estudantes, utilizando primeiramente as redes sociais, como facebook e twitter, para trocar de informações, mobilizar e unir as várias escolas de São Paulo, para posteriormente ocupar os espaços urbanos, legitimando o movimento social:

Eles se tornam um movimento ao ocupar o espaço urbano, seja por ocupação permanente de praças públicas seja pela persistência das manifestações de rua. O espaço do movimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares ocupados e dos prédios simbólicos visados em seus atos de protesto (CASTELLS, 2013, p.164).

3. Redes como resistência

A velocidade na troca de informações, impulsionada pelas redes sociais, serviram como instrumento para a troca ágil de informações, de mobilização e orientação nas ocupações:

Os movimentos sociais em rede de nossa época são amplamente fundamentados na internet, que é um componente necessário, embora não suficiente, da ação coletiva [...]. Mas o papel da internet ultrapassa a instrumentalidade: ela cria as condições para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar e expandir-se. Ela protege o movimento da repressão de seus espaços físicos liberados, mantendo a comunicação entre as pessoas do movimento e com a sociedade em geral na longa marcha da mudança social exigida para superar a dominação institucionalizada (CASTELLS, 2013, p.171).

Seguindo o pensamento de Castells (2013), as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando sua indignação, sentindo o

companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprias e para a sociedade como um todo. A conectividade depende de redes de comunicação interativas de forma horizontal e em grande escala em nível global com base na internet e nas redes sem fio. Além disso, é por meio dessas redes de comunicação digital que os movimentos vivem e atuam, certamente interagindo com a comunicação face a face e com a ocupação do espaço urbano.

Nessa nova relação, cria-se uma esfera pública global, imaginada por Downing (2002), possibilitando mídias alternativas ao proporcionar a transmissão fácil de textos simples bem como os meios de combinar e recombinar uma série de formatos de mídia e atores sociais, e permitindo a distribuição de conhecimentos e recursos a quase todos os lugares do globo, o que cria um meio pelo qual a política tornar-se realmente participativa, tanto em âmbito regional quanto internacional. É o primeiro veículo que oferece aos indivíduos e coletivos independentes de todo o mundo a chance de comunicar-se, com suas próprias vozes, com uma audiência internacional de milhões de pessoas.

A forma descentralizada do movimento secundarista influenciado não só pelas redes, mas a democracia direta com a tomada de decisão em assembleia e a distribuição igualitária nas tarefas caracterizaram o movimento. É interessante destacar também, o grande objeto de inspiração e organização das ocupações: uma cartilha online escrita por estudantes argentinos e chilenos que foi traduzida e adaptada a fim de servir como orientação para as ações de grande parte dos secundaristas que ocuparam as escolas.³

Não há uma fórmula secreta nem perfeita para ocupar um colégio. Simplesmente é necessário seguir alguns princípios básicos, ter clareza sobre como se organizar e ajustar o que foi planejado à conjuntura geral, à correlação de forças, etc.

ORGANIZAÇÃO DURANTE A OCUPAÇÃO: Uma vez decidida e votada a ocupação do colégio pela totalidade dos estudantes, é primordial e “obrigatório” que se discuta como se organizará todo o processo de ocupação, para garantir que todas as tarefas sejam cumpridas no prazo e da forma proposta, sempre respeitando a democracia direta.

Para que se respeite a democracia e se garanta o cumprimento das tarefas, é necessário dividi-las de alguma maneira. O mais prático e recomendável é que a assembleia geral nomeie comissões para temas particulares, que se ocupem de supervisionar e cumprir as tarefas designadas para elas.

As seguintes comissões são básicas e não devem faltar em nenhum processo de ocupação: COMIDA, SEGURANÇA, IMPRENSA, INFORMAÇÃO, LIMPEZA, RELAÇÕES EXTERNAS,

³ Cartilha disponível em: <https://gremiolivre.wordpress.com/>

ASSEMBLEIAS, ATIVIDADES recreativas e de formação
(FRENTE DE ESTUDANTES LIBERTÁRIOS, 2012).

A cartilha foi criada em 2006, quando mais de cem colégios foram ocupados pelos estudantes chilenos. Eles estavam cansados de ir as ruas fazer protestos e perceberam que a cobertura da mídia tradicional valorizava qualquer outro aspecto que não suas demandas (preferindo dar destaque a ações da polícia sobre os alunos) e decidiram que ocupariam suas escolas e só desocupariam quando o governo nacional aceitasse dialogar sobre mudanças na educação do Chile. Já os secundaristas brasileiros lutavam contra a proposta de “reorganização do ensino” do governo de São Paulo, que pretendia fechar mais de 100 escolas e transferir mais de 300 mil alunos da rede pública sob o argumento de que era necessária uma separação em ciclos únicos (Fundamentais I e II e Médio) para melhorar o desempenho.

Embora os problemas chilenos com a educação sejam diferentes, os métodos de reivindicar o acesso a uma boa escola foram compartilhados e as críticas são semelhantes, como a forma de cobertura midiática, a organização tradicional, a divisão do trabalho que separa concepção e execução, trabalho intelectual e trabalho manual, o que não ocorreu nas ocupações nem chilenas, nem brasileiras.

A autogestão foi mais uma das características marcantes das escolas ocupadas em São Paulo, pois a realização das atividades significava a apropriação do espaço físico da escola e dedicação ao lugar. Os alunos demonstraram essa preocupação organizando e participando de mutirões de retirada de entulhos, de pintura da escola e manutenção de jardins. Isso representou não só uma mudança com a relação do espaço escola, mas uma mudança cultural.

4. Cultura: antropológica e sociológica

Ao pensar em mudança cultural, é importante saber qual conceito de cultura que está sendo considerado, pois a abrangência dele pode definir o alcance e os seus múltiplos significados. Na dimensão antropológica, em que tudo é cultura, cultura é todo um modo de vida: interação social, modos de pensar e sentir, construção de valores e identidades. Já na dimensão sociológica, ela deve ser socialmente organizada, o que

significa um conjunto diversificado de demandas profissionais, institucionais, políticas e econômicas, tendo, portanto, visibilidade própria:

A cultura é de todos: este o fato primordial. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana expressa tudo isso nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra (WILLIAMS, 1958, p.1).

No trecho acima, podemos observar a cultura em primeiro momento em seu sentido antropológico até sua institucionalização nas artes, alcançando a dimensão sociológica. Porém, a reflexão proposta por Williams não é a classificação da cultura e suas dimensões, mas a cristalização que se dá muitas vezes em associar cultura a apenas lugares específicos (museu, cinema, teatro) ou formas (música, dança, filmes) e esquecer-se da cultura em seu sentido ordinário.

Uma cultura são significados comuns, o produto de todo um povo, e os significados individuais disponibilizados, o produto de uma experiência pessoal e social empenhada de um indivíduo. É estúpido e arrogante presumir que quaisquer uns desses significados podem chegar a ser prescrito: eles se constituem na vida, são feitos e refeitos, de modos que não podemos conhecer de antemão (WILLIAMS, 1958, p.5).

Trataremos da cultura em seu sentido ordinário, das experiências dos estudantes secundaristas nas escolas construídos no dia a dia, as relações horizontais, os modos de pensar e se organizar; e, por meio da Virada Ocupação (grande festival em apoio aos estudantes das escolas ocupadas), abordaremos a cultura sob a ótica sociológica e institucionalizada.

5. Capital cultural e simbólico

Na indústria da comunicação e cultura, segundo Oliveira (2016), determinados personagens têm poderes distintos para, por exemplo, atribuir valor às suas opiniões pessoais em razão da posse, chamado de capital cultural (repertório de conhecimentos legitimados).

O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio (BOURDIEU, 2003, p.145).

Aceito por todos como ingrediente natural da estrutura social, desse Capital Simbólico deriva um Poder Simbólico que é:

Um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe (BOURDIEU, 2003, p.177).

Ou seja, o Poder Simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem, o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social), uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências (BOURDIEU, 2003). A esse poder simbólico, reconhecível e reconhecido pelos atores de seu tempo, as pessoas se identificam e aproximam do objeto, às vezes, colocado como distante, tomando partido e contribuindo para a construção e mudança da opinião pública.

6. Análise de dados

Com base nas entrevistas realizadas, na análise de dados secundários e na fundamentação teórica apresentada, percebe-se que as ocupações dos estudantes secundaristas nas escolas brasileiras, tiveram inspirações nas ocupações chilenas de 2006 comprovadas pelos próprios secundaristas em conversa com a cartunista Laerte Coutinho⁴ que participou de uma roda de conversa em uma das escolas ocupadas:

Não tenho dúvidas quanto a isso - e os estudantes me confirmaram, referindo-se à experiência positiva das ocupações no Chile e da agilidade possível entre todo mundo, para planejar e executar o gesto aqui (COUTINHO, 2017).

Além do depoimento acima, o Gut Simon⁵, 2017, coordenador do coletivo Minha Sampa, também disse que o movimento de SP acabou sendo maior que o do

⁴ Entrevista realizada em abril de 2017.

⁵ Entrevista realizada em abril de 2017.

Chile, no qual foi inspirado. Em contrapartida, um dos secundaristas entrevistados da Escola Caetano de Campos, Caique Marques⁶, desconhecia a existência da cartilha chilena e a influência do movimento ocorrido no Chile.

Outro aspecto citado pelos entrevistados e em análise de documentos foi o fato da internet ser usada como mecanismo de resistência e organização para as ocupações desde a articulação dos estudantes de diferentes escolas até a organização dos eventos que falaremos mais adiante. Esse instrumento foi fundamental para angariar o apoio da comunidade e compartilhar a luta, como ilustra o cantor e compositor Chico César⁷ (2017) no trecho a seguir: “A internet facilitou sim o movimento estudantil. Através desse meio, os estudantes puderam articular pessoas, promover debates e compartilhar ideias”. O secundarista Caique Marques (2017) também conta que foi criada uma página no site Facebook, chamada *Ocupa Caetano* que está no ar até hoje e ainda, destacou como a rede foi importante para o apoio da comunidade escolar e propagação da luta das ocupações para milhares de pessoas.

A rede facilitou também, na organização dos atos-aulas simultâneos às ocupações, que eram ações de protestos com carteiras e cadeiras de salas de aula (objetos simbólicos da escola) em espaços não convencionais, como os principais semáforos da cidade de SP – ressignificando as salas de aula e o espaço público –, com o intuito de chamar a atenção da mídia e dispersar a Polícia Militar. Evidentemente, existiram situações em que as agressões aos menores estiveram presentes, como ilustra a foto:

⁶ Entrevista realizada em abril de 2017.

⁷ Entrevista realizada em abril de 2017.



Figura I – Aluna da Escola Estadual Fernão Dias e policial militar.

Fonte: Reprodução/Facebook, 2015.

A foto viralizou na internet, causando polêmica por mostrar uma jovem “puxando” uma cadeira das mãos de um policial militar. Em pesquisa, descobriu-se que a jovem da foto é Marcela Reis, então com 18 anos e estudante do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual Fernão Dias.

Ela afirmou que, por parte dela, não houve desacato, e também diz ter levado um chute do policial militar porque ela não queria largar a cadeira enquanto, seu amigo que estava perto, levou um soco de outro policial militar. Ela ainda apareceu em outras fotos de manifestações que circularam pela internet. Caique Marques também aborda a questão da postura abusiva da Polícia Militar:

Sofremos ameaças de um sargento da PM, mas sempre estivemos preparados para que nada pudesse nos atingir. Além dos alunos, pais, professores e advogados também estarem sempre presentes nas ocupações (MARQUES, 2017).

Diante desse cenário, uma pequena parcela da sociedade que já tinha entendido a gravidade da situação, estava preocupada com a integridade física dos jovens e a preservação do seu direito ao protesto. Simon (2017) conta que o coletivo Minha Sampa criou a plataforma *De Guarda Pelas Escolas* em que qualquer pessoa podia tornar-se um guardião das escolas ocupadas e receber um SMS em caso de desocupação forçada. Foram mais de 4.000 guardiões inscritos que receberam o chamado várias vezes para

irem fisicamente proteger as escolas da truculência da polícia com o corpo, a voz, a câmera ou a indignação.

Ainda assim, a sociedade continuava a ver os estudantes como invasores, pela cobertura da grande mídia que os colocava como infratores e violentos para assim justificar a conduta da Polícia Militar. Laerte Coutinho (2017) conta que os jornais fizeram todo o possível para esvaziar o movimento das ocupações e minimizar a importância da ação dos estudantes. Chico César (2017) coloca que um dos motivos para essa cobertura midiática superficial e incoerente foi o fato de confrontar a identidade social, sejam pelos protestos, pelas ocupações ou pelos eventos culturais. Sobre a importância do apoio da classe artística, Gut Simon (2017) pontua:

Em momentos históricos, e estávamos vivendo um, os artistas surgem como aliados importantes de causas coletivas. E são fundamentais para pautar a opinião pública. Então, foi assim, da noite para o dia, que pensamos, por que não fazer um festival de música nas escolas ocupadas para chamar a atenção da mídia e angariar o apoio da opinião pública ao mesmo tempo que denunciávamos a arbitrariedade da política proposta pelo estado e da conduta, envolvendo a polícia, para resolver o problema.

Surge, então, a Virada Ocupação promovida pelo coletivo Minha Sampa, nos dias 06 e 07 de dezembro de 2015. A produção do evento até sua realização foi totalmente colaborativa, iniciada por meio de um site e formulários para que artistas, produtores, donos de equipamento, fotógrafos, videógrafos e jornalistas independentes se inscrevessem para colocá-la em funcionamento. Gut Simon (2017) destaca sobre a importância da participação de voluntários da sociedade civil: “era fundamental que nós, sociedade civil, tomássemos as rédeas da comunicação do evento, e construíssem uma narrativa que se opusesse ao que a mídia tradicional estava construindo”.

Após 24 horas do site no ar, da publicação no facebook, do disparo de e-mails para todos os membros do coletivo, foram mobilizados 816 artistas e bandas, 705 produtores e 941 inscritos para cobrir o evento. A iniciativa resultou em 2 dias de shows em 10 escolas ocupadas e 17 mil inscritos para o show aberto o que ampliou a visibilidade e força do movimento dos estudantes.⁸

Gut Simon (2017) ainda conta que alguns secundaristas foram chamados para reunião para esclarecer aos voluntários os acontecimentos e dizer se de fato eles acreditavam naquela estratégia:

⁸ Dados coletados no site do coletivo Minha Sampa. Disponível em: <http://viradaocupacao.minhasampa.org.br/>.

A beleza das ocupações - esses jovens estavam amadurecendo e tendo contatos com temas extra curriculares essenciais não contemplados na educação pública. Estavam falando de machismo, de racismo, construindo hortas, mutirões de limpeza da escola. Voluntários visitavam a escola para levar conhecimento, debate e demonstrar apoio. Esses jovens estavam se empoderando e sim, discutindo política. E o Brasil precisava saber (SIMON, 2017).

Não podemos deixar de destacar a forma democrática e a cultura horizontalizada que todas as ações dentro das ocupações eram tratadas, as decisões tomadas e os serviços divididos, os secundaristas rompem com o modelo institucionalizado e hierárquico: “tudo era resolvido em assembleias diárias, de forma democrática” confirma Caique Marques (2017).

Chico César (2017) disse que o convite aconteceu através de uma amiga engajada na causa e de sua responsabilidade social:

Somos todos chamados a colaborar com a sociedade, o ato foi uma forma de celebrar cada conquista dos estudantes. A emoção tomou conta de todos os envolvidos. [...] Acho importante que cada artista, professor e as pessoas que puderem doar uma parte de seu dia, possam contribuir em busca de uma sociedade mais justa. Nem tudo é grana nessa vida. Sabe, acredito que o público já nos dá tanto carinho, que podemos trocar graciosamente pelo que fazemos de melhor. O artista tem uma responsabilidade social imensa, pois ele recebe muito carinho.

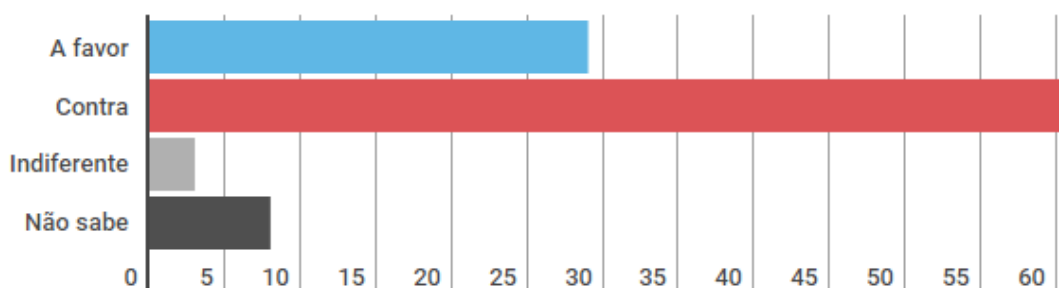
E a mudança de narrativa realmente aconteceu, pois pela primeira vez mudaram-se os narradores dessa história. Foi combinado que as escolas que receberiam os artistas não deixariam a mídia tradicional entrar, apenas a mídia livre. Conta Simon (2017) que essa estratégia foi acertada em uma segunda reunião próxima ao evento, realizada com os midialivristas inscritos no site para proteger a história e a veracidade dos fatos.

Artistas como Criolo, Maria Gadú, Barbara Eugênia, Vanguard, Ceú, Paulo Miklos, Tiê e Arnaldo Antunes, Karina Buhr, Léo Cavalcanti, Rael, Tico Santa Cruz, Tulipa Ruiz, Cachorro Grande, Chico César, Pitty realizaram shows na Virada Ocupação que, inicialmente, seria para ajudar na causa, mas que ao final serviu como comemoração: na véspera do evento o governador Geraldo Alckmin publicou um decreto que revogava a reorganização escolar. O anúncio, no entanto, não botava fim à história e os estudantes discutiram formas de manter a mobilização para que ninguém fosse punido e a maioria das escolas continuou ocupada pelos dias que se seguiram.

Por fim, com esse e outros tantos aspectos abordados, de acordo com Campos, 2016, uma parcela da sociedade civil passou a apoiar os estudantes em luta, sendo contra o fechamento das escolas e remanejamento de alunos da rede pública estadual e apoiando as ocupações das escolas, conforme pesquisa abaixo:

Mudanças nas escolas

Fechamento de escolas e remanejamento de alunos da rede pública estadual



Ocupações de escolas públicas por estudantes contra medidas do governo

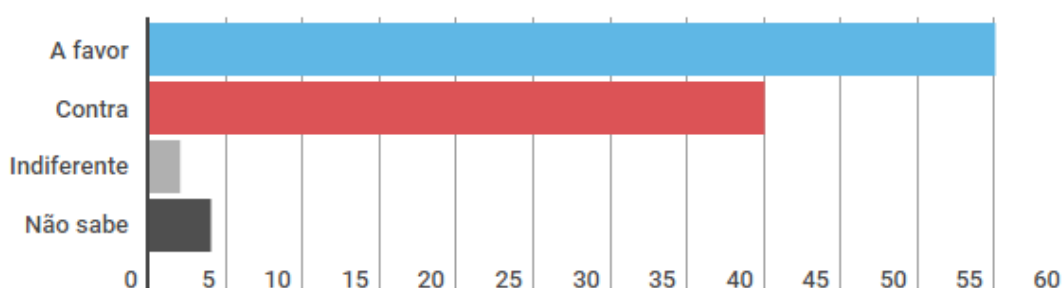


Gráfico I – Mudanças nas escolas

Fonte: Folha de São Paulo, 2015.

Em um ano (de outubro de 2014 p/ novembro de 2015), a porcentagem de paulistas que consideravam o governo tucano como ótimo ou bom caiu de 48% para 28%, e aqueles que avaliam como ruim ou péssimo chegaram a 30%. Não era apenas uma fração da classe média, composta por artistas, universitários e intelectuais que se dispunha a apoiar o movimento dos estudantes. Era também a opinião pública da população em geral que começava a se voltar contra o governo de Geraldo Alckmin.

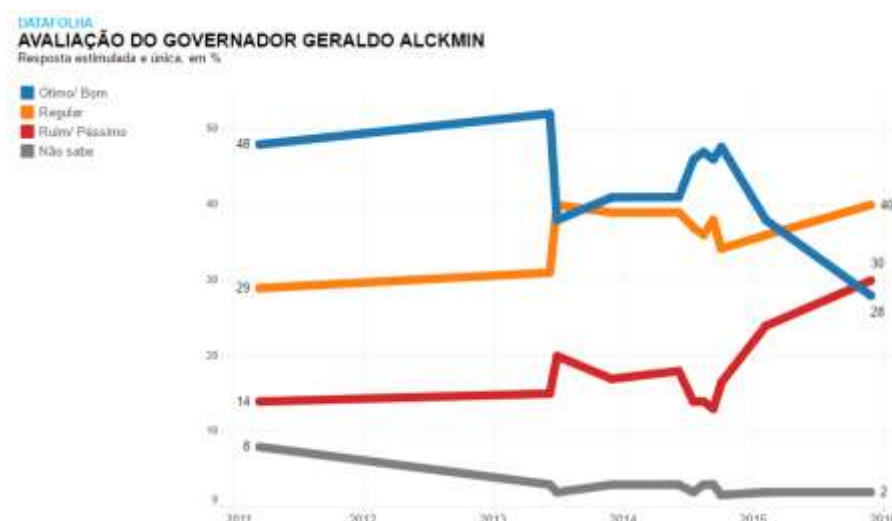


Gráfico II – Avaliação do governador Geraldo Alckmin.

Fonte: Folha de São Paulo, 2015.

7. Considerações finais

A partir da análise dos referenciais teóricos e das entrevistas concedidas é notável a mudança de paradigma promovida pelos estudantes secundaristas que participaram desse movimento. A ocupação das escolas e a reivindicação desse espaço enquanto um lugar de coletividade mostrou-se como elemento fundamental para a revogação da reorganização escolar pelo Governador do Estado de São Paulo.

Outro ponto importante na luta foi a Virada Ocupação, que trouxe a cultura de forma mais profissionalizada (no sentido de técnica: pré-produção, evento e pós-produção) e ampliou a visibilidade do movimento, pois utilizou uma linguagem já legitimada e conhecida pela sociedade civil – a música – com aspectos fortes de política e disseminação pelos atores sociais que fizeram parte da programação. Os cantores e outros artistas participantes trazem o capital simbólico e são tidos pela indústria de comunicação como detentores de poderes, pois influem direta e indiretamente na construção do imaginário de muitas pessoas, representam por meio das próprias opiniões um valor simbólico, mantendo um exercício de poder e influenciando grande parte da população com suas opiniões e ações.

A horizontalidade na tomada de decisões e as ovas posições de participação e cidadania se colocam enquanto pilares na articulação entre esses atores sociais e nos traz a perspectiva de novos rumos políticos dentro da esfera pública. Por fim, a análise deste caso em particular, nos coloca possibilidades de reconquista e aparente reconexão

dos alunos com o âmbito escolar, além de um vislumbre da capacidade de transformação dessa geração consciente de seus direitos.

Nas palavras dos próprios envolvidos, as considerações finais sobre o movimento de ocupação das escolas de São Paulo:

E: O que mudou na militância nos últimos 30 anos?

CC: Hoje há um certo embate entre o modelo de mobilização antigo para uma forma mais autônoma e menos institucional. Eu acho que os estudantes dizem para nós: olha gente, é possível, nem tudo depende dos governos. (CÉSAR, 2017).

E: Poderia destacar o que mais te despertou/emocionou nesse movimento dos secundaristas?

LC: Foi a lucidez das ideias e a transparência das ações. (COUTINHO, 2017).

E: O que mudou?

GS: A forma como esses alunos enxergam a escola, que agora passa a ser deles, e como eles entenderam que eles podem definir os rumos da escola. E a educação pública no estado nunca mais será a mesma. Uma nova postura de participação e do fazer político cidadão emergiu com essa história. Isso vindo de jovens que a sociedade toda menosprezava, jovens que só pensavam em seus rolezinhos. As ocupações evidenciam o surgimento de uma nova geração, muito mais consciente de seus direitos e com capacidade de articulação e organização, para de forma horizontal e colaborativa, lutar por eles (SIMON, 2017).

E: Poderia destacar o que mais te despertou/emocionou nessa luta?

CM: Além da consciência de que, sim, a escola é nossa, eu pude ver as coisas de uma outra forma. Conhecer novas realidades, e, principalmente, conhecer o Movimento Estudantil, do qual fui dirigente quando ainda era secundarista, e hoje faço parte do movimento universitário (MARQUES, 2017).

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CAMPOS, Antonia; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Marcio M. *Baderna: Escolas de Luta*. São Paulo: Veneta, 2016.

DANI BLACK. **O trono do estudar.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=14NqOdRY_Ls>. Acesso em: fev. 2017.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança:** movimentos sociais na era da internet. São Paulo: Editora Jorge Zahar, 2013.

CÉSAR, Chico. Entrevista concedida a Letícia Prudência Copiano. Abr. 2017. [A entrevista encontra-se no Anexo II deste artigo].

COUTINHO, Laerte. Entrevista concedida a Letícia Prudência Copiano. Abr. 2017. [A entrevista encontra-se no Anexo I deste artigo].

DOWNING, John D. H. **Mídia radical:** rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2002.

FRENTE DE ESTUDIANTES LIBERTÁRIOS. **Como ocupar um colégio?** Disponível em: <https://gremiolivre.wordpress.com/>. 2012.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Popularidade de Alckmin atinge pior marca, aponta Datafolha.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/12/1714813-popularidade-de-alckmin-atinge-pior-marca-aponta-datafolha.shtml>>. Acesso em: 02 mar. 2017.

MARQUES, Caique. Entrevista concedida a Letícia Prudência Copiano. Abr. 2017. [A entrevista encontra-se no Anexo IV deste artigo].

OLIVEIRA, Dennis. Cultura e crise: transformações sociais e emergência de novos protagonismos midiáticos e culturais. **Revista Observatório Itaú Cultural.** n.21, 2016.

SIMON, Gut. Entrevista concedida a Letícia Prudência Copiano. Abr. 2017. [A entrevista encontra-se no Anexo III deste artigo].

WILLIAMS, Raymond. Culture is ordinary [1958]. In: GABLE, R. (Ed.). **Resources of hope: culture, democracy, socialism.** London: Verso, 1989. Tradução de Maria Elisa Cevalco disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/68474445/ACultura-e-Ordinaria1>

Bibliografia consultada

BAUMAN, Zygmunt. **A Cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BOTELHO, Isaura. A diversificação das fontes de financiamento para a cultura: um desafio para os poderes públicos. In: MOISÉS, José Álvaro; BOTELHO, Isaura. (Orgs.). **Modelos de financiamento da cultura**: os casos do Brasil, França, Inglaterra, Estados Unidos e Portugal. Rio de Janeiro: Minc; Funarte, 1997.

BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v.15, n.2, p.73-83, abr./jun. 2001.

CANCLINI, Néstor García. Introducción: Políticas culturales y crisis de desarrollo: un balance latino-americano. In: CANCLINI, Néstor García. (Ed.). **Políticas Culturales en América Latina**. México D.F.: Editorial Grijalbo, 1990.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural**: o direito à cultura. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

DURAND, José Carlos. Cultura como objeto de política pública. **São Paulo em Perspectiva**, v.15, n.2, 2001.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

LIMA, Luciana Piazzon Barbosa; ORTELLADO, Pablo; SOUZA, Valmir de. **O que são as políticas culturais?** Uma revisão crítica das modalidades de atuação do estado no campo da cultura. Trabalho submetido para apresentação no IV Seminário Internacional de Políticas Culturais. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Estruturação, Institucionalização e Implementação do Sistema Nacional de Cultura**. 2011.

PERUZZO, Cicilia. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. São Paulo: Vozes, 2004.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas Culturais no Brasil**: tristes tradições. Revista Galáxia, v.7, n.13, p.101-113, 2007.

SARAIVA, Enrique. Introdução à teoria política pública. In: SARAIVA, Enrique; FERNANDES Elisabete (Orgs.). **Políticas Públicas**. v.I. Brasília: ENAP, 2006.

SOUZA, C. Políticas públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**, n.16, Porto Alegre, jul./dec. 2006.

ANEXO I - Entrevista com a cartunista Laerte Coutinho

Laerte Coutinho participou da roda de debate na Escola Estadual Fernão Dias Paes.

Entrevistadora: Como soube das ocupações de 2015 e o que impulsionou sua visita à sua ex-escola Fernão Dias?

Laerte Coutinho: Soube pela generalidade das fontes - redes sociais, noticiários etc. Fiquei empolgada - quando disseram que tinha meio que começado no Fernão quis ir lá visitar, apoiar, conversar.

E: Você acredita que a internet (redes sociais) tenha sido um mecanismo de resistência e organização para as ocupações das escolas em SP?

LC: Não tenho dúvidas quanto a isso - e os estudantes me confirmaram, referindo-se à experiência positiva das ocupações no Chile e da agilidade possível entre todo mundo, para planejar e executar o gesto aqui.

E: Entre suas publicações, na década de 80 tem uma que se destaca pelo apoio aos trabalhadores, a apostila *Ilustração sindical*. Gostaria que contasse um pouco dessa criação, realização e repercussão tanto na mídia como para os trabalhadores.

LC: «Ilustração Sindical» foi elaborada quando eu estava encerrando meu período de participação na Oboré, onde desenhava para publicações de sindicatos e organizações populares. Achei que seria útil reunir o material que havia feito e colocar à disposição dessas entidades e movimentos. Até onde acompanhei, foi uma ferramenta positiva em muitas ocasiões, meio negativa em outras. Alguns desenhistas se queixaram de que entidades que poderiam está-los empregando preferiam recorrer ao «Ilustração». Esgotou-se e não foi republicado.

E: O que, na sua percepção, mudou na militância nos últimos 30 anos?

LC: Ai de mim, como posso responder?

E: Você participou de algum show ou oficina da Virada Ocupação? Caso positivo, poderia avaliar a organização dos shows e sua produção?

LC: Não, não participei...Em princípio, estava interessada e disponível, mas dar oficinas nunca foi algo fácil ou tranquilo pra mim. Acabei ficando longe dessas atividades.

E: A cobertura da grande mídia foi coerente com a realidade que acontecia dentro das salas de aula?

LC: Claro que não. Os jornais fizeram todo o possível para esvaziar o movimento das ocupações e minimizar a importância da ação dos estudantes.

E: Como enxerga a produção cultural criada dentro de cada escola ocupada?

LC: Não tenho informações pra responder...

E: Após a Virada Ocupação e o apoio de muitos artistas, intelectuais, grande parte da sociedade civil começou a apoiar o movimento e os estudantes secundaristas. Você acredita que essa situação tenha relação com o valor simbólico de um artista e sua influência no imaginário coletivo?

LC: Sim, acho que sim.

E: Você vê continuidade na luta desses jovens ativistas em outros movimentos políticos culturais? Ou um novo significado para o espaço institucionalizado “escola”?

LC: Não sei se vejo - mas espero que esteja acontecendo, tal continuidade.

E: Poderia destacar o que mais te despertou/emocionou nesse movimento dos secundaristas?

LC: Foi a lucidez das ideias e a transparência das ações.

ANEXO II – Entrevista com o cantor Chico César.

O cantor Chico César participou da Virada Ocupação.

Entrevistadora: Como soube das ocupações de 2015 e o que impulsionou sua visita em uma das escolas ocupadas?

Chico César: Recebi a notícia através de uma amiga professora. As ações dos cidadãos tem o poder de mudar o rumo da história. Acredito, que doar uma coisa que sai da minha alma, que é a música.

E: Você acredita que a internet (redes sociais) tenha sido um mecanismo de resistência e organização para as ocupações das escolas em SP?

CC: A internet tem o poder de disseminar diversas informações. Ultimamente se fala em internet reacionária, mas é necessário lembrar o número enorme de pessoas que acessam esse meio. A internet facilitou sim o movimento estudantil. Através desse meio, os estudantes puderam articular pessoas, promover debates e compartilhar ideias.

E: Vi em sua última entrevista, da UBES, que já havia participado do movimento secundarista na Paraíba na década de 1980. Gostaria que contasse um pouco dessa experiência e quais as principais semelhanças e diferenças que vê em relação as ocupações de 2015.

O entrevistado não respondeu.

E: O que mudou na militância nos últimos 30 anos?

CC: Hoje há um certo embate entre o modelo de mobilização antigo para uma forma mais autônoma e menos institucional. Eu acho que os estudantes dizem para nós: olha gente, é possível, nem tudo depende dos governos.

E: Como se deu o convite para a Virada Ocupação? Como avalia a organização dos shows e sua produção?

CC: O convite aconteceu através de uma amiga engajada na causa e da minha responsabilidade social. Somos todos chamados a colaborar com a sociedade, o ato foi uma forma de celebrar cada conquista dos estudantes. A emoção tomou conta de todos os envolvidos.

E: A cobertura da grande mídia foi coerente com a realidade que acontecia dentro das salas de aula?

CC: Nem sempre, afinal a identidade social foi confrontada, em diversas ocasiões. Podemos, com desobediência civil, participar das decisões, e nem sempre essa mensagem foi captada pelos veículos.

E: Além da Virada Ocupação, você participou de outras atividades culturais nas escolas ocupadas? Como enxerga essa produção cultural criada dentro de cada escola ocupada? O entrevistado não respondeu.

E: Após a Virada Ocupação e o apoio de muitos artistas, intelectuais, grande parte da sociedade civil começou a apoiar o movimento e os estudantes secundaristas. Você acredita que essa situação tenha relação com o valor simbólico de um artista e sua influência no imaginário coletivo?

CC: Acho importante que cada artista, professor e as pessoas que puderem doar uma parte de seu dia, possam contribuir em busca de uma sociedade mais justa. Nem tudo é grana nessa vida. Sabe, acredito que o público já nos dá tanto carinho, que podemos trocar graciosamente pelo que fazemos de melhor. O artista tem uma responsabilidade social imensa, pois ele recebe muito carinho.

E: Você vê continuidade na luta desses jovens ativistas em outros movimentos políticos culturais? Ou um novo significado para o espaço institucionalizado “escola”?

O entrevistado não respondeu.

ANEXO III – Entrevista com Gut Simon

Gut Simon é coordenador de comunicação do Coletivo Minha Sampa, responsável pela organização da Virada Ocupação.

Entrevistadora: Como soube das ocupações nas escolas de SP?

Gut Simon: O trabalho da Minha Sampa tem como foco a cidade de SP. E para isso contamos com uma equipe de mobilizadores e comunicadores que acompanham atentamente as decisões que estão sendo tomadas pelo executivo e legislativo municipais (e também pelo poder público estadual nas matérias que impactam a vida da cidade). Isso faz com que a gente diariamente monitore tanto o que sai na imprensa como o que é comunicado pelos mecanismos oficiais de comunicação do poder público, como o diário oficial e os sites e perfis sociais da Câmara Municipal e da Assembléia Legislativa. Até dezembro de 2015 a Minha Sampa não havia trabalhado de forma tão ampla com o tema educação pública. Mas assim que soubemos das primeiras ocupações, primeiramente através da nossa rede de contatos e depois através da mídia, nos debruçamos inquietos pra entender o contexto e a melhor forma que poderíamos colaborar.

E: O que impulsionou o coletivo Minha Sampa a participar das ocupações de forma direta?

GS: Precisávamos fazer alguma coisa. Alunos de 16 e 17 anos estavam sendo chamados de invasores, enquanto tudo o que queriam era impedir que suas escolas fossem fechadas. Mais do que isso, era um grito por participação. Eles estavam reivindicando de forma inédita até então o direito de participarem da construção dos rumos da educação pública, contra uma política autoritária e sem diálogo. Além disso, existia o risco eminente de reintegração de posse das escolas ocupadas e o provável e recorrente uso da força para assim fazê-lo. O que nos deu ainda mais a certeza de que deveríamos fazer algo e convocar toda a sociedade para apoiá-los. Tínhamos que fortalecer o contrapoder e equilibrar as forças dessa equação.

E: Como surgiu a ideia da Virada Ocupação?

GS: A princípio quebramos a cabeça para entender o plano de reorganização escolar proposto pelo governo Alckmin. Afinal, nós fazemos oposição a políticas públicas que vão na contramão da nossa visão de cidade. Mas logo percebemos que não deveríamos

atacar a medida em si, mas sim apoiar o que estava acontecendo dentro das escolas. Um exemplo de cidadania, participação, determinação, organização e articulação. Estava que o governo não sabia lidar com a situação e que usaria da truculência da Polícia Militar para calar os estudantes, que nessa altura do campeonato, além de ocuparem suas escolas, faziam atos-aulas simultâneos espalhados pelos principais semáforos da cidade. Eles iam com carteiras em um grupo pequeno para tantos pontos diversos, com o intuito de chamar a atenção da mídia, que a PM não dava conta de chegar a todos os atos e detê-los. Mas evidente, em muitos que chegaram a coisa acabou em pancadaria a menores, já denunciada inclusive na Corte Interamericana de Direitos Humanos, em Washington. Pois bem, a essa altura a Minha Sampa, e uma pequena parcela da sociedade que já tinha entendido a gravidade da situação, estava preocupada com a integridade física desses jovens e a preservação do seu direito ao protesto. Então criamos a plataforma De Guarda Pelas Escolas, em que qualquer pessoa podia tonar-se um guardião das escolas ocupadas e receber um SMS em caso de desocupação forçada. Foram mais de 4.000 guardiões inscritos que receberam nosso chamado várias vezes para irem fisicamente proteger as escolas da truculência da polícia com o corpo, a voz, a câmera ou a indignação. Um parênteses, minha grande alegria é presenciar meses depois em um outro ato por uma educação pública de qualidade, um diálogo entre dois jovens dizendo: "ah, eu sou guardião, você também? Que legal!". Pois bem, mesmo assim a sociedade continuava a ver os estudantes como invasores, o que de uma certa forma justificava a conduta da PM. A mídia repercutia o assunto da mesma forma. Foi então que nos questionamos, como podemos comunicar o que de fato está em jogo? A beleza das ocupações - esses jovens estavam amadurecendo e tendo contatos com temas extra curriculares essenciais não contemplados na educação pública. Estavam falando de machismo, de racismo, construindo hortas, mutirões de limpeza da escola. Voluntários visitavam a escola para levar conhecimento, debate e demonstrar apoio. Esses jovens estavam se empoderando e sim, discutindo política. E o Brasil precisava saber. Foi então que tivemos o insight: em momentos históricos, e estávamos vivendo um, os artistas surgem como aliados importantes de causas coletivas. E são fundamentais pra pautar a opinião pública. Então, foi assim, da noite pro dia, que pensamos, por que não fazer um festival de música nas escolas ocupadas pra chamar a atenção da mídia e engariar o apoio da opinião pública ao mesmo tempo que denunciávamos a arbitrariedade da política proposta pelo estado e da conduta, envolvendo a polícia, para resolver o problema. Foi assim que com 2 mil voluntários mobilizados em apenas uma semana, a

Virada Ocupação levou nomes como Criolo, Maria Gadú, Paulo Miklos, Pitty e diversos outros artistas para 10 escolas ocupadas em dois dias de shows, contribuindo com a mudança da opinião pública sobre o movimento dos estudantes e culminando no cancelamento /dos planos do poder público.

E: No site da viradaocupacao.minhasampa.org.br li sobre a forma e a velocidade em que a convocação de artistas, produtores e midialivristas foi feita. A internet (redes sociais) funcionou como uma forte ferramenta para disseminação e realização da Virada, certo? Poderia contar um pouco sobre esse processo?

GS: Aconteceu tudo muito rápido. Em apenas um dia subimos um site no ar com quatro formulários onde as pessoas poderiam se inscrever pra participar da construção desse festival. Um formulário para músicos e bandas, outro para produtores que iriam por a mão na massa, outro para pessoas que pudessem emprestar equipamentos e um quarto para midialivristas cobrirem o evento. Só um parênteses sobre esse quarto grupo: era fundamental que nós, sociedade civil, tomássemos as rédeas da comunicação do evento, e construíssem uma narrativa que se opusesse ao que a mídia tradicional estava construindo. Voltando. Com o site no ar o conteúdo se propagou rapidamente pelas mídias sociais e em poucas horas já havia mais de 800 artistas e bandas, 700 produtores, 900 inscritos para cobrir o evento. Geralmente fazemos um outreach bem focado para as nossas campanhas. Compartilhando em grupos específicos e mandando mensagem direta para parceiros e coletivos. Nesse caso, foi realmente viral. Todos queriam ajudar. Uma força quase que sobrenatural e super espontânea que nunca presenciei na vida.

E: Desde a escolha dos artistas, os espaços escolhidos, a produção do show em si, os estudantes secundaristas chegaram a participar desse processo de planejamento, operação ou pós-produção?

GS: Com uma semana para o evento - as datas já haviam sido anunciadas no site de inscrição, pois realmente era urgente a ação - nos reunimos com os produtores voluntários na sede da Minha Sampa para organizarmos o festival. Nesse dia, chamamos alguns secundas para contar pros voluntários o que estava acontecendo e dizer pra gente se de fato eles acreditavam em nossa estratégia. Eles contaram os bastidores das ocupações e não teve uma pessoa que não se emocionou com aqueles relatos. Mas logo tiveram que voltar as suas escolas, pois faziam turnos para garantir a segurança, limpeza e manutenção das ocupações. Nesse sentido, eles estavam muito ocupados e não participaram da produção do festival. Foi realmente um presente que a sociedade civil deu aos secundas pela coragem e inspiração. Eles foram consultados e

nos dois dias de Virada participaram ativamente. Mas na definição das escolas que seriam levada a Virada, os artistas e outros detalhes da programação foi tudo providenciado pelos voluntários de forma autônoma e colaborativa.

E: Ainda em pesquisa ao site de vocês, me chamou a atenção o esquema quase "secreto" da cobertura da grande mídia e das alternativas, dando mais atenção para a segunda na cobertura do evento em si. Poderia contar, no ponto de vista comunicacional e depois político, a estratégia que utilizaram para tal?

GS: Acho que acabei falando isso aqui já. Mas é bem isso. Tanto que o combinado com as escolas que receberiam os artistas seria de não deixar a mídia tradicional entrar apenas a mídia livre. Essa estratégia foi acertada em uma segunda reunião a 6 dias do evento, que fizemos apenas com os midialivristas inscritos no site. Dessa forma estriamos protegendo a história como ela era e veracidade dos fatos, trazendo um olhar que dava conta da profundidade que estava acontecendo nas escolas e se prevenindo de edições tendenciosas da grande mídia.

E: Em diversas matérias, vimos à postura agressiva e abusiva da polícia em relação aos estudantes. Você presenciou alguma dessas ações nas escolas ocupadas ou nos contatos que tiveram com os estudantes?

GS: Na época tínhamos um coordenador de mobilização que também era advogado. Por isso, ele estava sempre em campo visitando diferentes escolas e oferecendo suporte jurídico. Ele presenciou algumas ações truculentas e muito do jogo sujo que a Secretária de Educação fazia intimidando alunos e colocando a família e os diretores contra esses jovens. Inclusive alunos que não aderiram a ocupação. Fora isso, recebíamos a todo momento novas denúncias e ameaças de reintegração de posse, que nos levou a criar o de Guarda. E para sermos capazes de alertar por SMS as pessoas inscritas fortalecemos nossa rede nas escolas ocupadas para receber e averiguar essas denúncias.

E: Você acredita que após a Virada Ocupação foi construído um novo significado para o espaço institucionalizado "escola"? Mudou a relação dos estudantes?

GS: A Virada Ocupação foi apenas a cereja do bolo nessa história. Foi um apoio da sociedade civil aos estudantes, estes sim os verdadeiros protagonistas que mudaram a educação pública pra sempre. O que mudou? A forma como esses alunos enxergam a escola, que agora passa a ser deles, e como eles entenderam que eles podem definir os rumos da escola. O movimento de SP acabou sendo maior que o do Chile, que o inspirou. E a educação pública no estado nunca mais será a mesma. Uma nova postura de participação e do fazer político cidadão emergiu com essa história. Isso vindo de

jovens que a sociedade toda menosprezava, jovens que só pensavam em seus rolezinhos. As ocupações evidenciam o surgimento de uma nova geração, muito mais consciente de seus direitos e com capacidade de articulação e organização, para de forma horizontal e colaborativa, lutar por eles.

E: Poderia destacar o que mais te despertou/emocionou nessa luta? Ou no processo? Ou qualquer outra coisa que queira compartilhar

GS: Nossa, acho que já falei alguns deles aqui né. Mas o que não falta nesse processo todo são coisas que me emocionam. Vou citar mais uma: a forma como os voluntários fizeram TUDO acontecer. Desde o início deixamos claro que a Minha Sampa não iria produzir todo o festival, mas sim catalisar esse processo. Na primeira e única reunião com os voluntários dividimos eles em grupos, e cada um teve autonomia para escolher a escola (com tanto que tivéssemos uma diversidade e equilíbrio geográfico nas 10 escolas que levaríamos o festival), os artistas e a forma como iriam trabalhar. Nós ficamos mais focados no grande palco, o único que aconteceu fora de um colégio, e para o qual fizemos um novo formulário, onde só divulgaríamos o local secreto horas antes do show. Isso pra preservar o evento e impedir que a PM impedisse que ele acontecesse. Enfim, ver essas pessoas (voluntários) abdicando de seu tempo e usando seus talentos e suas redes para produzir o evento, tomando pra si a responsabilidade de colocar isso no mundo, foi realmente inspirador. Eu sinceramente nunca tinha visto tanto comprometimento e tanta colaboração. estavam todos felizes e solícitos, e com ampla convicção de que estávamos fazendo historia. Na verdade isso tudo só comprova um mantra que a gente tem aqui na Minha Sampa, se cada um fizer um pouquinho, a gente faz um montão. Só assim criaremos uma cidade e um mundo melhor.

ANEXO IV – Entrevista com Caique Marques

Caique Marques é estudante secundarista da Escola Estadual Caetano de Campos.

E: Como soube que a sua escola seria ocupada e o que impulsionou sua participação na ocupação?

Caique Marques: Eu estudava a noite. Quando cheguei para a aula, me deparei com a escola ocupada e a princípio fiquei revoltado, pois tinha trabalhos pra entregar, provas pra fazer... Porém não precisou de mais do que 10 minutos de explicação, pra eu entender que o movimento era muito maior do qualquer nota que eu pudesse tirar. Em menos de meia hora, eu já tinha ido em casa buscar algumas coisas que tinha e que seriam úteis e aderi a ocupação com o resto do pessoal.

E: Você acredita que a internet (redes sociais) foi um mecanismo de resistência e organização para as ocupações das escolas em SP?

CM: Sem dúvida alguma. Nossa página no Facebook (Ocupa Caetano, que até hoje está online) foi crucial para que a gente conseguisse o apoio da comunidade escolar e propagasse a nossa luta pra milhares de pessoas.

E: Em algumas pesquisas, vi que circulou uma cartilha chilena, criada pelos estudantes chilenos na Revolução dos Pinguins e adaptada para as ocupações brasileiras. Você chegou a ler essa cartilha? Você acredita que teve alguma influência?

CM: Sinceramente, nem sei da existência.

E: Como se deu o planejamento das ações que ocorriam na ocupação? A organização era democrática ou possuíam líderes? Era uma organização horizontal?

CM: Tínhamos responsáveis, porém tudo era resolvido em assembleias diárias, de forma democrática.

E: Você participou de algum show ou oficina da Virada Ocupação? Vocês ajudaram na produção também?

CM: Participei não só dos shows, como ajudei a organizar a estrutura para que acontecessem.

E: Em diversas matérias, vimos à postura agressiva e abusiva da polícia em relação aos estudantes. Como vê essa intervenção policial? Você sofreu algum tipo de agressão (física ou verbal)?

CM: Sofremos ameaças de um sargento da PM, mas sempre estivemos preparados para que nada pudesse nos atingir. Além dos alunos, pais, professores e advogados também estiveram presentes durante a maior parte dos nossos 21 dias de ocupação.

E: Como enxerga a produção cultural criada dentro de cada escola ocupada?

CM: Incrível. Mudou a visão de muita gente sobre o que estava acontecendo.

E: Você acredita que após as ocupações foi criado um novo significado para o espaço institucionalizado “escola”?

CM: Sem dúvida alguma. Após as ocupações, grande parte da galera mudou a concepção sobre o que era a escola. Num ponto de vista pessoal, eu comecei tratar aquele lugar como uma extensão da minha casa.

E: Mudou a relação de aprendizado?

CM: Passamos a ter um novo contato com alguns professores. A troca de ideias passou a acontecer com mais frequência.

E: Poderia destacar o que mais te despertou/emocionou nessa luta? Ou qualquer outra coisa que queira compartilhar

CM: Além da consciência de que, sim, a escola é nossa, eu pude ver as coisas de uma outra forma. Conhecer novas realidades, e, principalmente, conhecer o Movimento Estudantil, do qual fui dirigente quando ainda era secundarista, e hoje faço parte do movimento universitário.